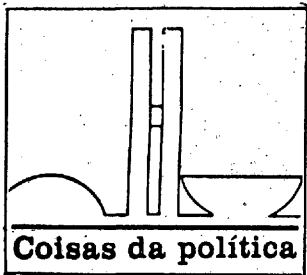


Hora de bisar a coragem

Saney

Villas-Bôas Corrêa

TUDO está aconselhando o presidente José Sarney a fechar o punho e desferir um novo e vigoroso murro na mesa. Só falta decidir onde e como repetir o gesto de ousadia que, a 27 de fevereiro, virou o país de pernas para o ar com o impacto do Plano Cruzado e inverteu a queda vertiginosa da popularidade presidencial, já ameaçando a estabilidade do governo, para alçá-lo às alturas recordistas em que ainda se sustenta.



Ora, em primeiro lugar, a coragem deu certo, retocou uma imagem que se desfocava com a impressão penosa da cautela exagerada, beirando a insegurança, sugerindo receios. Se, num momento, Sarney conquistou o respeito e a estima da população, por que hesitar em recorrer de novo à mesma receita, antes que a curva despenque e a recuperação seja muito mais difícil?

Creio que é por aí que deve passar a linha do raciocínio tático do presidente. Sarney necessita da popularidade tanto quanto do ar que respira. Não é apenas forçar uma comparação incorreta mas um diagnóstico de precisão exata. Literalmente, Sarney

surve todos os instantes, a cada respiração, o ar da popularidade que solda a estabilidade do seu governo e puxa o resto, desde o apoio partidário — ainda agora reafirmado no pitoresco cerco do desarvorado PMDB paulista ao presidente, na sua rápida visita a Campinas: candidato e lideranças ávidos das migalhas da firme popularidade presidencial — até a tranqüilidade de um Congresso sem oposição de verdade, com a tribuna da crítica abandonada e o plenário vazio. A solidez incomum do respaldo militar ao governo repousa na estaca da popularidade. É muito mais fácil tecer a rede fina dos compromissos constitucionais das Forças Armadas para embalar um presidente aplaudido nas ruas e registrando marcas estáveis em todas as pesquisas, do que carregar nas costas o fardo de um governo repellido pelo povo, como no recente ocaso do ciclo revolucionário.

Um presidente precisa estar atento ao calendário para ajustar-se às exigências dos períodos eleitorais. A eleição está à vista, a menos de quatro meses. Desinteressado da sorte do PMDB que nunca o aceitou com a alma limpa, mas apenas o tolera por estrita conveniência e bastante vivido e sabido para não apostar fichas de risco no PFL, Sarney encolheu o corpo e está se mantendo à margem da campanha. Em termos, pois os resultados das urnas vão influir logicamente na fase final e decisiva do seu governo.

O presidente Sarney continua e cada vez mais precisado de popularidade. Agora, no aquecimento da

JORNAL DO BRASIL

17 JUL 1986

campanha; ano que vem, quando a Constituinte começar a funcionar para definir, de imediato, a duração do seu mandato.

O plano de estabilidade financeira rendeu além do esperado mas apresenta sinais previsíveis de desajustamentos setoriais. As filas já madrugam às portas dos açougues, e das padarias para garantir a carne escassa e racionada ou o leite tabelado por baixo. Por baixo do pano, mas visível no crescente desembaraço da impunidade, estrutura-se um esquema tolerado de agio que é o desmentido e a desmoralização do cruzado

Providências policiais repressivas são indispensáveis mas devem ser recebidas com as devidas cautelas. Elas aliviam a barra do governo, podem até tocar o coração sensível do povo que se habituou ao desamparo e que retribui com generosidade o espanto da autoridade preocupada com a sua sorte, funcionando em defesa dos seus modestos interesses.

Só que apenas com a polícia agilizada e posta a brios, o governo continuará onde está, empacado e até escorregando na baba de quiabo do terreno inseguro. Um passo em falso e o desequilíbrio atirá o presidente no chão.

É que um governo não se decide pelo roteiro da ousadia para dar um arranco e confiar que ganhou impulso para o restante da caminhada, até o fim da estrada.

Pois é exatamente o inverso. Quando um governo afirma uma linha temerária e o povo responde na adesão consensual, não pode mais acomodar-se. Mas precisa ir em frente, sustentando a mesma toada, renovando-se sendo conseqüente com uma postura revolucionária.

A franqueza obriga a confessar que o governo do presidente Sarney tem sido fértil em planos, projetos, na revelação de intenções mas extremamente parco em realizações. Irrita-se o presidente com a morosidade do paquiderme burocrático. E daí? O aborrecimento precisa ter conseqüência, produzir medidas enérgicas e prontas.

Depois do êxito da viagem ao Vaticano e a benção do Papa João Paulo II como é que ficamos em termos de reforma agrária? Paralisados entre as solenes advertências do ministro Paulo Brossard e no empate do jogo entre a CNBB e a URD, a seleção dos latifundiários?

O quadro não deve ser examinado nos detalhes mas visto no seu conjunto. Para a avaliação panorâmica de mais exata análise. Impondo a conclusão que o presidente José Sarney precisa sacudir o governo com outro tranco que balance a mesa. Ainda que quebre alguma louça.

O cruzado foi um achado, está alimentando a popularidade de Sarney, aguentado sozinho o governo. Pois agora está necessitado, e com urgência, de companhia. Antes que, solitário, se perca num dos atalhos do caminho.